

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



3

ENCONTRO

GERVÁSIO — Não há o mal a interpretação. Trata-se pois
duma coisa, não duma ruína.

MANUELA — Para quê dramatizar?

GERVÁSIO — Um exemplo para melhor entendimento.

MANUELA — Assim vejo.

GERVÁSIO (com de offício) — Óptimo!

MANUELA — Já me esqueceu de lhe perguntar: gostou
do livro?

GERVÁSIO — Qual livro? .. Ah, o livro... Não sei!

MANUELA — Vê? Continua distraído. Não para mais tempo.
Ela pode já ir longe. Mas não está dentro onde encontra-la?

GERVÁSIO — No cabaré Estrela d'Ora.

MANUELA (surri) — **ACIDENTE** Automóvel chega-se li-
nha instantânea. A esta hora abundam os táxis. (Estende o braço
a Gervásio, com um sorriso.) Boa noite.

GERVÁSIO — Boa noite, Manuela. Até...

MANUELA — Até à vista, Gervásio.

Escrito em 1953 ou 1954.

Representado em 1961 (dir. Fernando Amado, *atelier de escultura*).

MANUELA — Amável, cinco horas... (Gesto de mão espalmada
das cinco horas. Fica um instante surri, de perfil.) Depois
sei pra quê fazia o jantar, circunja para o meio do salão, e de
repente lança-se para cima do sofá, rindo, rindo. A vida, afinal,
pode ser uma coisa engraçada!

O FIM DA LÍZIA

ENCONTRO

Debucho teatral
(monólogo)

Um quarto de dormir; janela ao fundo, lado direito. Um biombo, à esquerda, colocado sobre o ângulo profundo do quarto. À esquerda, a porta; num plano mais adiantado, um toucador com espelho. À direita, um guarda-fatos. Ao meio da cena, colocada paralelamente à ribalta, uma cama. Ela entra. Vinte e poucos anos; airosa, vestida com elegância discreta. Tira do saco de mão uma chave que introduz na fechadura da porta; verifica, com certo nervosismo, se a porta ficou bem fechada. Lança, depois, o casaco para cima da cama e passa a mão pelos cabelos.

ELA (*vai à janela*) — Enfim!... Não o vejo, lá em baixo, na rua... deve ter-se ido embora... Ou talvez tenha abandonado a perseguição... Porque a verdade é que, ao dobrar a esquina, voltei-me rapidamente, e nessa ocasião tê-lo-ia descoberto. Não vou, agora, imaginar que ele se escondeu, sorrateiro, no vão de uma escada, como um malfeitor... É mais provável que desistisse, quando me pus na bicha dos passageiros... Voltei-lhe as costas, mas os olhos dele, com insistência, poisavam aqui na nuca como se fossem dois focos magnéticos!... Sentia a cara a arder, as pernas vacilantes... Acho que, se não tem vindo o autocarro, eu teria dado um grito... Mas, graças a Deus, tudo passou! Estou em minha casa, na minha inexpugnável fortaleza... e, contudo, o coração ainda me sobressalta... Que órgão traiçoeiro e comprometedor! (*Está junto da mesa de toilette.*) Ah! Um bilhete da Mariana... (*Lê.*) Para que eu não me esqueça. Claro que não me ia esquecer. Um *cocktail*, no Estoril, com rumba, *rock and roll* e o Damião por parceiro fixe. Que mais se pode ambicionar *neste mundo?*! Às sete horas, des cansa, a buzina do teu *Roadster* há-de encontrar-me pronta a

embarcar... (*Transição.*) Aí está uma que nunca mudou. Para a Mariana continuo a ser a Luísa de outros tempos... de antes da catástrofe... quando eu lhe pagava *cocktail* com *cocktail* e largueza com largueza... Era eu, então, uma menina «bem», filha de pais ricos... Rico, o pai! A viver de créditos e expedientes, no propósito de manter uma ilusão que já não enganava ninguém... Afinal, teve de fugir e matou a mãe de desgosto... Foram duros, duros, aqueles tempos, quando, de tão alto, caí na realidade... Os parentes caritativos, dispostos a fazer valer qualquer ajuda à pobre órfã; o noivo, subitamente, invadido pelo receio de não me poder assegurar um futuro risonho... Triste comédia!... Valeu-me o francês e o inglês, que falo sem sotaque e que representam, na pior conjuntura, três contos de reis por mês... (*Desaparece por de trás do biombo.*) E, assim, pude bater o pé e dizer: «Muito obrigada!» Tornei-me uma rapariga independente... Não há no dicionário, para uma mulher, palavra mais bonita do que independência... (*Ouve-se o jorrar de água de uma torneira.*) A água fria consola! (*Puxa uma toalha que pende à vista dos espectadores.*) Sim, senhores, vivo do meu trabalho, do meu emprego. Aluguei um quarto, num bairro económico, e tomo a refeição num lar para a protecção das raparigas... O espanto que estas declarações, às vezes, provocam! (*Reaparece de trás do biombo.*) Compreendo muito bem a sua objecção, senhor Administrador-Chefe. Evidentemente, com os meus fracos meios, eu nunca poderia ir a um *garden-party* ou à ópera... a independência não dá asas e é muito terra-a-terra. (*Abre o armário.*) A Mariana, neste aspecto, tem sido a minha providência. (*Tira um vestido.*) É uma sorte termos quase a mesma altura e o mesmo feitio de corpo. (*Olha-se ao espelho, com o vestido caído na frente.*) Tem chique, não há dúvida, e fica-me bem. (*Abre uma gaveta e tira um par de sapatos.*) O calçado é que precisa de reforma. (*Ri.*) Deixá-lo! Aguentarei, até que acabe a tradução dos novos estatutos... que há-de dar-me, também, para uns pares de meias e uma *mise-en-plis*... (*Ao espelho.*) O cabelo ainda se aguenta... De resto, sempre foi o meu forte. (*Senta-se ao toucador.*) Houve quem, nos tempos dourados, fizesse um madrigal ao meu cabelo...

Nas ondas do teu cabelo
Vou-me deitar a afogar...

(*Sorri.*) Esta frase romanesca podia ter sido inventada pelo meu adorador... «Deitar a afogar»... Com efeito, havia qualquer coisa de profundo e quase desesperado no olhar que ele me lançou... e infinitamente perturbante. Mesmo de costas, sentia-o cravado em mim, na nuca... Bom, nada de exageros! Não vou, agora, pretender que ele estava a exercer sobre a minha pessoa uma acção hipnótica... A impressão, aqui atrás, deve ter sido simplesmente um espasmo nervoso, causado pelo medo... Sim, eu tinha medo que ele se aproximasse, metendo-se na bicha dos passageiros... Pensando bem, uma ideia tola! Por que havia ele de me dar a honra de me tomar por alvo de perseguição? distinguir-me entre tantas raparigas que ali chegavam a todo o momento, e algumas, com certeza, mais fotogénicas... Sempre sou uma vaidosa!... Se calhar, ele apenas olhou, eu passei, e pronto... É ao que se resume o drama... De acordo que o olhar era estranho, muito intenso... Mas não ofendia, não revoltava. Nem sequer obrigava a uma resposta desabrida. Se ele tivesse falado, não teria dito um piropo — ah! não!... Não o estou a ver compor uma atitude e uma voz de galã... (*Levanta-se.*) Faltar-lhe-ia o desembaraço... Ele aparentava timidez... tinha o ar, não de quem exige, mas de quem pede... E, agora, compreendo que foi esse ar que me perturbou, juntamente com o passo que deu direito a mim, silencioso, e a mão que se estendeu. Recordo muito bem que o aspecto dele era humilde, talvez de alguém que sabe o que é a miséria... É possível que tivesse fome... Fome?! — que ideia tonta! Não era um desgraçado em extremos de implorar a caridade pública... Mais depressa seria dos que preferem sofrer privações a terem de pedir esmola... E o gesto? Que gesto?... Os olhos imploravam, sim, mas gestos, concretamente, não me lembra nenhum, nem saberia dizer onde ele tinha as mãos... Quanto ao traje, não era de pedinte... nem fato roto, nem remendos... Pelo menos, a apresentação, não chocava... Mas, sendo assim, que significado tinha aquele olhar grave e profundo que tanto me agitou?... Ou talvez fosse impressão minha... Acontece que atribuímos aos outros os nossos estados de alma... Eu iria porventura cismando, predisposta a receber comoções. (*Senta-se na cama.*) Realmente a vida não é muito divertida desde o naufrágio... desde que para todos os projectos, para todas as coisas sérias, posso contar, apenas, comigo. (*Um tempo; transição.*) Não, não é o trabalho que me assusta.

Até me sinto sossegada nas horas que dura o emprego. Faz bem a gente ocupar-se dos outros... Na rua, atravessado o pátio, ao recuperar a minha liberdade, é então que me sinto só... A razão deve ser que ainda não me adaptei à chamada luta pela vida... Quem sabe? Talvez eu não seja tão valente como supunha... aliás, a mais natural das coisas, numa representante do sexo frágil... Quem me vale é a Mariana: permite-me, volta e meia, tomar um banho de elegância e mundanismo: *week-ends, pick-ups, five o'clocks* — os prazeres requintados, em suma —, e que saboreio com frenesim... que mostro saborear... porque, no fundo, não passa de representação. Continuo a desempenhar, para a galeria, o meu papel de pequena vedeta. Tudo aquilo me soa a falso, mas faço coro com o bando... questão de hábito... (*Faz menção de começar a despir-se.*) Afinal, porquê? Sim, por que não consigo eu agora entregar-me a esses prazeres, como dantes?... Por tudo o que aconteceu... e por tudo o que não aconteceu... Mudei, por certo... Aquele olhar, inofensivo para qualquer outra, fez-me estremecer... Havia não sei que afinidades entre a ansiedade que li nos seus olhos e a minha interrogação aflita... Deveras, creio que estou mesmo a filosofar!... Ai, quantos haviam de rir se eu lhes contasse a minha aventura! Então, os colegas de trabalho, que admiram a minha pontualidade escrupulosa, o meu método, a minha cabeça fria... (*Ri.*) E principalmente os meus companheiros de pândega, para quem incarno o espírito da *pin-up-girl*! (*Ri.*) O Damião reconhece, positivamente, com a sua indiscutível autoridade, que eu teria sucesso em Hollywood... «Luísa, traz o teu *glamour* e vamos dançar...» E avançamos um para o outro, com sorrisos de circunstância e a soberana cadência que convém a uma parada de modelos. (*Compõe a atitude.*) «Vamos, Damião, faz um sinal à orquestra.» (*Põe o gira-discos a funcionar.*) «Luísa, és a única que entendes verdadeiramente o ritmo do samba!» (*Trauteia a melodia e entra a dançar como se o parceiro a enlaçasse, rosto contra rosto.*) Ele cinge-me com gesto perfeito, une a sua face à minha, airoosamente, segundo as regras, murmura-me, em segredo, palavras que deviam ser estonteantes... Depois, no auge do ritmo, a sua boca fala-me ao nível dos olhos e as suas palavras fluem-me sobre a pele, como um duche: «Luísa, como danças bem!...», enquanto nos seus olhos brilha o desejo, eu conservo a linha impecável, perfeita... Sorrio... sinto, em torno, crepitar a ad-

miração... Diferente da Leonor da cantiga, «vou formosa e vou segura»... Sei defender-me, estou senhora de mim... A orquestra findou. Palmas... O Damião e eu, sorrindo, de mãos dadas, e em cadência perfeita, deixamos a arena, continuamos a representar... «Reserva-me o próximo rock?» (*Gesto da mão.*) «Entendido.» (*Súbito pára, cismando.*) Como é diverso o outro! O que falou sem palavras e sem gestos... apenas com o olhar... Mas que disse ele? Ou que queria dizer? Não sei... Não tinha tenção de conquistar-me... nem de pedir esmola... Talvez, antes, o seu olhar procurasse revelar uma censura, uma queixa, um modo de dizer: «Aqui estou»... Ou, talvez, antes, uma advertência: «Cuidado!»... Céus, até onde me deixei ir! O que vou imaginar, sem razão... claro, sem a mínima razão! Pois quem é ele, afinal?... Sei lá, ao certo, se é rico, pobre, alto ou baixo, feio ou bonito... e a idade? (*Desata a rir.*) Uma espécie de fantasma! (*Estende-se em cima da cama, cruza as mãos atrás da nuca.*) E eu que não acreditava em fantasmas!... (*As pausas tomam cada vez mais significado.*) Com tudo isto, o tempo foi passando... Daqui a nada, chega aí o Roadster. (*Imita o som de uma buzina.*) A Mariana não gosta de esperar e, se não me vir chegar logo à janela, entrará num pé-de-vento, tagarela, esfuziante. «Que é isto, preguiçosa? Se calhar estiveste a ler... anda, upa! O Damião está lá em baixo, em plena forma, irresistível!» «Desculpa, é uma enxaqueca»... Ela dará uma gargalhada cristalina... e eu não insistirei... «Não acreditas? Tens razão. Queres saber? É um capricho.» Mas a Mariana é esperta, apesar de fútil... Digo-lhe então: «É uma aventura romanesca»... Mas, desta vez, sei que ela também não acredita... E eu, com naturalidade: «Fazes bem.» E ela: «Por que não dizes, antes, que é telha?» «Capaz de ser. Olha, adeus, menina! Lembranças!» (*Senta-se na cama, estreita os braços e semicerra os olhos.*) Mas encontrei-o realmente?

O PANO BAIXA